



1461 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 06 - Formação de Professores

Constituir-se docente: inspirações a partir do filme "O primeiro da classe"
Simone Bicca Charczuk - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Resumo

Neste ensaio teórico nos ocupamos de um questionamento central: como o sujeito constitui-se como docente? Para tanto, nos apoiamos em uma breve revisão de literatura acerca do conceito de escolha para a psicanálise freudolacaniana, mais especificamente a escolha da docência como profissão. Além disso, tomamos o protagonista do filme "O primeiro da classe", Brad Cohen, como "caso" a ser analisado no seu percurso de tornar-se professor. Trabalhamos, como operadores de leitura do filme, os conceitos de transferência e de docência como sintoma. A partir da análise do filme, podemos pensar que a relação transferencial do sujeito com os professores e com a própria educação, bem como o sintoma como algo que aponta para um dizer do sujeito são elementos importantes para compreendermos o percurso de constituir-se docente.

Palavras-chave: docência; transferência; sintoma; psicanálise.

Constituir-se docente: inspirações a partir do filme "O primeiro da classe"

Resumo

Neste ensaio teórico nos ocupamos de um questionamento central: como o sujeito constitui-se como docente? Para tanto, nos apoiamos em uma breve revisão de literatura acerca do conceito de escolha para a psicanálise freudolacaniana, mais especificamente a escolha da docência como profissão. Além disso, tomamos o protagonista do filme "O primeiro da classe", Brad Cohen, como "caso" a ser analisado no seu percurso de tornar-se professor. Trabalhamos, como operadores de leitura do filme, os conceitos de transferência e de docência como sintoma. A partir da análise do filme, podemos pensar que a relação transferencial do sujeito com os professores e com a própria educação, bem como o sintoma como algo que aponta para um dizer do sujeito são elementos importantes para compreendermos o percurso de constituir-se docente.

Palavras-chave: docência; transferência; sintoma; psicanálise.

Introdução

Quando atuamos na formação de professores, um questionamento que se coloca frequentemente no cotidiano do trabalho com alunas e alunos que escolhem a docência como profissão é o que mobiliza tais estudantes a elegerem os cursos de licenciatura como espaço de investimento e futura atuação profissional. Embora a educação esteja contemporaneamente marcada por um enfraquecimento de seu estatuto simbólico, pouco reconhecimento e valorização social (Kupfer, 2000), discentes continuam buscando as licenciaturas como campo de formação. Tal movimento nos convida a questionar: o que sustenta tal escolha? O que tal fazer diz de sua constituição como sujeito? Como alunas e alunos constroem laço com o fazer docente?

Tendo em vista tais questionamentos, neste trabalho de cunho ensaístico, nos propomos a refletir sobre a escolha da docência como profissão. Para tanto, inspiramo-nos no aporte teórico psicanalítico freudolacaniano e realizamos uma leitura do filme "O primeiro da classe", a fim de acompanharmos o protagonista Brad Cohen no seu percurso de tornar-se professor^[1]. Para justificarmos a utilização de uma produção cinematográfica como "dado empírico" a partir do qual desenvolvemos a análise proposta nesse ensaio, nos apoiamos nas proposições de Dunker e Rodrigues (2012) sobre a relação entre cinema e psicanálise. Estes autores destacam que "qualquer arte ou dimensão na qual a palavra e a ficcionalidade estejam envolvidas na estrutura da situação é análoga da psicanálise" (Dunker e Rodrigues, 2012, p. 15). Ressaltam ainda que "o cinema é especialmente sensível para captar e nomear a gramática do sofrimento social, indicando com anterioridade formas de sintomas e suportes narrativos com os quais a clínica virá a se deparar" (Dunker e Rodrigues, 2012, p. 15). É nesse sentido que recolhemos a narrativa do personagem central desta trama tratando-o como "caso" em análise para refletirmos acerca dos questionamentos anteriormente lançados.

Inicialmente, são apresentadas algumas considerações teóricas sobre o conceito de escolha para a psicanálise, bem como pesquisas realizadas acerca da eleição da profissão docente na perspectiva psicanalítica. Na sequência, trazemos o filme como suporte para nossa discussão do constituir-se docente, considerando principalmente os conceitos de transferência e docência como sintoma como operadores de leitura. Por fim, a partir das considerações tecidas em torno do filme, compartilhamos algumas reflexões sobre o que pode vir a mobilizar as alunas e alunos na escolha da docência como profissão.

O conceito de escolha em psicanálise

Para pensarmos o conceito de escolha em psicanálise, somos convocados a nos afastarmos de uma perspectiva consciente e racionalizada de escolha na qual é priorizada a ideia de um perfil ou aptidão. Tal perspectiva pode ser aproximada das teorizações acerca do sujeito cartesiano. O grande ícone desse pensamento, René Descartes, muito bem representado por sua célebre frase "penso, logo sou" (Descartes, 2005), propõe um sujeito centrado na razão e, como tal, consciente de suas escolhas. O sujeito cartesiano é capaz de elencar objetivamente os fatores que o levam a optar por determinado caminho e a listar o peso de cada fator na sua tomada de decisão. Podemos pensar que quando alguém, questionado sobre a escolha por determinada profissão, responde que optou pela carreira devido à promessa de retorno financeiro ou *status*, de forma intelectualizada, aproximamo-nos da ideia sustentada por essa concepção de sujeito.

Outro exemplo que podemos remeter a esse modelo são as teorias calcadas na noção de aptidão. Consideramos que grande parte da literatura sobre escolha profissional (ou vocacional) orienta-se por semelhante ideia e lança mão de testes psicológicos e avaliações diversas com o intuito de identificar quais as qualidades possuídas pelos sujeitos e, a partir desse levantamento, sugerir profissões mais adequadas a tal perfil de personalidade. Um debate crítico acerca dessa temática é apresentado por Voltolini (1999) em sua tese de doutoramento.

Opondo-se a tal posição cartesiana, encontramos os pressupostos teóricos da psicanálise. Constituída como sistema de pensamento por Sigmund Freud, a psicanálise desaloja a consciência racionalista de seu lugar central em detrimento do conceito de inconsciente. Nesse sentido, a noção de sujeito psicanalítico remete a ideia de um sujeito descentrado, cujas escolhas portam razões que o próprio sujeito desconhece (SPELLER, 2004). O conceito de inconsciente proposto pela psicanálise nos aponta uma nova racionalidade, sustentada por uma outra lógica de funcionamento psíquico diversa do modo de operar da consciência.

Assim, essa abordagem nos convoca a pensar sobre "o que escolhe em nós" e que não conseguimos nomear. Isso que "escolhe em nós" nos aproxima justamente do conceito de inconsciente. Podemos considerar que para a psicanálise a escolha de uma profissão porta verdades sobre o sujeito que ele, em última instância, não tem acesso direto e não consegue dominar. Além disso, de acordo com Paim (s/d), os sujeitos são, de forma expressiva, representados

socialmente por sua profissão, ou seja, constroem seus lugares no laço social através do exercício profissional com o qual se envolvem, elaborando aí um processo de identificação, um laço de filiação. Conforme Soares, Aguiar e Guimarães (2010, p. 134), "na psicanálise o termo identificação refere-se ao processo pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando de forma inconsciente traços ou atributos das pessoas significativas de seu entorno". Partindo dessa ideia, podemos considerar que a identificação pode se constituir para o sujeito na sua relação com outros sujeitos, mas também com os objetos com os quais se depara ao longo de sua jornada, entendendo aí a profissão como um objeto que pode configurar-se como possível laço na construção do processo identificatório.

Seguindo as reflexões trazidas pela psicanálise, fomos à busca de trabalhos que enfocam essa abordagem teórica para análise da temática que ora nos propomos abordar. Em uma pesquisa realizada na *web*, poucos foram os trabalhos localizados e que se dedicaram a problematizar a escolha profissional pelo viés psicanalítico. Em busca realizada em fevereiro de 2018 no site *Socelo* (trabalho.socelo.br), utilizando os descritores escolha profissional *and* psicanálise, não houve nenhum trabalho mencionado. No site *Pepsic* (pepsic.bvsalud.org) houve um registro apenas, trata-se do artigo intitulado "O processo clínico de orientação profissional", de autoria de Maria Luiza Camargos Torres (1998). No site Google Acadêmico (scholar.google.com), localizamos a tese de Rinaldo Voltolini, intitulada "A questão da vocação: psicanálise e psicologia", defendida na Universidade de São Paulo em 1999. A tese de Voltolini apresenta a vocação analisada a partir da psicanálise, tomando-a como sistema social, articulando assim a constituição de cada sujeito e seu laço com o discurso social ao qual está intimamente vinculado. Apresenta uma crítica aos fundamentos clássicos da orientação vocacional sustentando que não existe fusão possível entre as abordagens da psicologia e da psicanálise, sendo que esta trata da vocação como sintoma, destacando uma abordagem ética e não adaptativa.

Ainda no Google Acadêmico, foram resgatados alguns trabalhos. Após a leitura dos resumos de artigos listados, identificamos alguns trabalhos específicos que mencionaram esses descritores, quais sejam, "A escolha profissional sob um olhar psicanalítico", de Rose Paim (s/d); "O conceito de identificação no processo de escolha profissional", de Soares, Aguiar e Guimarães (2010); já mencionados, além dos artigos "A sustentação da docência", de Ferreira e Villani (2007) e "Tornar-se e manter-se professor: alguns aspectos subjetivos", de Fagá, Passos e Arruda (2007); sendo esses dois últimos voltados especificamente para a escolha e a permanência na profissão docente e apresentados no VI ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.

O trabalho de Ferreira e Villani (2007) investiga o que mantém o professor na situação docente, sendo que as histórias de vida de professores de ciências são analisadas através do aporte psicanalítico. Partindo da fala dos entrevistados, as autoras inferem que a relação com a docência se estabelece como um laço de implicação através do qual o professor pode dar vazão a várias demandas subjetivas, destacando que a escuta dos professores

[...] nos deram os indícios que nos possibilitaram inferir que o professor talvez não consiga escapar da docência porque tem várias demandas: tem uma dívida, pelo fato de ser quem ele é, de terem investido e apostado no seu futuro; tem necessidade de reeditar com os alunos as situações de cuidado que tenham existido, ou por falta delas; tem necessidade de ser reconhecido, portanto está preso numa demanda de amor que faz ao aluno, esperando ter aquilo que o aluno mais deseja em termos de saber; tem a pulsão que quer insistentemente ser satisfeita fazendo com que ele goze inconscientemente, com todas as justificativas e considerações que faz sobre o aluno, sobre sua relação, ou sobre a escola. Goza porque se culpa pelo que não dá certo na sala de aula, e também goza com o poder de fazer mudanças, de promover a aprendizagem, e de seduzir o aluno. (FERREIRA e VILLANI, 2007, p. 11).

Do mesmo modo, apoiando-se na metodologia de histórias de vida, Fagá, Passos e Arruda (2007) pesquisaram elementos que levam professores de matemática elegerem a docência como profissão e permanecer nela. As autoras destacam que os elementos objetivos e racionais não dão conta de explicar o que mobiliza a eleição e permanência na docência, pois

o processo de construção dos saberes docentes e discentes é marcado pela presença e influência do inconsciente. Nessa perspectiva, haveria sempre algo não simbolizável pela consciência dos sujeitos, uma indeterminação e imprevisibilidade sobre os desdobramentos dos processos de ensino e aprendizagem [...] (FAGÁ, PASSOS e ARRUDA, 2007, p. 9).

Tendo em vista as considerações acima expostas, nosso trabalho visa contribuir com a temática da escolha da profissão docente sob o viés da psicanálise freudolacaniana, buscando analisar a relação que a personagem Brad Cohen, do filme "O primeiro da classe", estabelece com a educação e o modo como vai constituindo-se professor.

Tornar-se professor: os laços estabelecidos por Brad Cohen com a docência

O filme americano "O primeiro da classe" (*Front of the class*), produzido para a televisão em 2008 e com direção de Peter Werner, narra a história verídica de Brad Cohen (interpretado pelo ator James Wolk), desde os seis anos de idade, até sua vida adulta. A narrativa do filme é construída pela própria personagem que vai apresentando ao espectador sua vivência com a síndrome de Tourette[2]. Esta é apresentada pelo narrador como sua "amiga", "companheira" de jornada. Ao longo da narrativa, os lugares de Brad como aluno e como professor vão se alternando, compondo os enlances da história.

Como aluno, a personagem rememora seus momentos e conflituos nos espaços escolares frequentados por ele. Seus professores, ignorando as características da síndrome, significam os "barulhos" produzidos por Brad (tiques vocálicos) como zombaria e interrupção das atividades de ensino em sala de aula. Ser "o palhaço da classe" e "o esquisito" aparecem como significantes que marcam a trajetória da personagem no seu percurso como aprendiz. Tais significantes também ressoam nas palavras do pai que insistentemente exige que o filho possa se controlar e evitar emitir tais tiques.

O conceito de significante é uma importante contribuição de Lacan na sua releitura dos textos freudianos acerca do inconsciente. Inspirando-se na linguística de Saussure, a ideia de significante é tomada por Lacan de forma invertida ao que propõe o linguista, como tendo supremacia em relação ao significado, não estando vinculado a ele de forma unívoca. É o significante que representa o sujeito, sendo esse constituído por uma rede de significantes. Ricardo Rodulfo nos auxilia a pensar na dimensão significante no que se refere à construção do mito familiar, ou seja, no contexto simbólico que circunda o bebê desde antes de seu nascimento. De acordo com o autor, o mito familiar compreende "o que se respira, em um lugar, através de uma série de práticas cotidianas que incluem atos, ditos, ideologemas, normas educativas, regulações do corpo [...]" (Rodulfo, 1990, p. 30). A partir desse conceito, podemos pensar que o lugar atribuído a Brad, tanto pelos significantes inscritos pela escola quanto pelo pai, é o de estranho e descontrolado. Tal nomeação tem repercussões em como o menino experencia a vida na escola.

Em relação à escola, Brad denuncia que "adora aprender, mas odeia a escola e ter que ler", pois quando fica nervoso seus tiques aumentam. Nesse circuito, quem coloca-se como contraponto é a mãe de Brad que não compartilha com a visão do marido e da escola em torno do filho, não repetindo os significantes que o nomeiam, colocando-se em busca de respostas para a existência dos tiques e retirando Brad do lugar de "culpado" por essas manifestações. Entre visitas à biblioteca e consultas médicas, a mãe "descobre" que os tiques de seu filho estão vinculados à síndrome de Tourette. Nesse sentido, o diagnóstico opera como possibilidade de ressignificação, nas palavras de Brad, "não sou esquisito de propósito". A partir do diagnóstico, a mãe busca, juntamente com o filho, espaços nos quais Brad possa ser reconhecido. Tentam um "grupo de apoio", porém este é rapidamente descartado, pois o menino não identifica-se com os participantes. Nas palavras de Brad dirigidas à mãe: "não quero ser como eles, aquelas pessoas deixam a doença vencer e eu não quero fazer isso".

Considerando essa vinheta do filme é interessante pensarmos na questão do diagnóstico para a psicanálise. Figueiredo e Tenório (2002), enfatizam que a psicanálise opõe-se como saber ao saber sustentado pela psiquiatria. Enquanto esta busca, no seu processo diagnóstico, arrolar as características de determinado transtorno a partir de seus sinais e sintomas a fim de conceber a doença mental como algo a ser sanado, a psicanálise entende que as manifestações do sofrimento psíquico indicam uma forma singular do sujeito colocar-se no mundo, dizer de sua verdade. Se, por um lado, um diagnóstico pode encerrar o sujeito em uma definição, ele pode também apontar para algo que diga sobre o sujeito. É essa segunda dimensão que parece operar quando o protagonista recebe o diagnóstico da síndrome, Brad passa a ser responsabilizar por suas características sem colocar-se como culpado e vítima da mesma[3]. Isso pode ser observado na forma em que o menino apropria-se de sua condição, como a síndrome fazendo parte de si, mas não se resumindo a ela, não se deixando aprisionar pela mesma, rechaçando sua participação no grupo. Quando Brad diz para a mãe que não quer deixar a doença vencer afirma que a mesma faz parte de si, mas que ele não se resume à síndrome.

Contemporâneo ao processo diagnóstico, Brad passa a frequentar uma nova escola. Em um primeiro momento experencia novamente as mesmas relações já vividas: exclusão e incompreensão por parte dos professores, olhar de zombaria por parte dos colegas. Porém, em determinada cena, produz-se

uma torção na relação de Brad com a escola: durante a apresentação da banda escolar, Brad começa a expressar seus tiques sendo logo repreendido pelos demais alunos. Surge na cena a figura do diretor que convida Brad a subir no palco e apresentar-se para os presentes. O garoto vai ao palco apreensivo sobre o que poderia acontecer na sequência. O diretor pergunta se Brad faz os “barulhos” de forma voluntária, o que é negado pelo menino. O diálogo segue com a pergunta sobre o porquê da existência dos tiques, ao que Brad responde comentando sobre a síndrome. O diretor agradece o esclarecimento do menino e dirige-se à plateia com o seguinte questionamento: “para que serve a escola? Para educar, não é? Para usar o conhecimento e acabar com a ignorância”. Volta a dirigir-se à Brad perguntando: “o que podemos fazer, todos nós aqui na escola? Como podemos te ajudar”? Ao que o menino responde: “ser tratado como todo mundo”. Brad desce do palco ovacionado pelos colegas, cena que marca uma nova significação da vida escolar para o menino. Ele, já adulto, refere-se a esse momento com as seguintes palavras: “poucas palavras, um pouco de educação e foi como abrir a porta de um mundo novinho em folha”. A transição da infância de Brad para seu percurso como adulto é marcada pelo enunciado da escolha profissional: “vou ser professor”.

Os elementos do filme compartilhados no parágrafo anterior nos remetem a pensar sobre o conceito de transferência proposto pela psicanálise. Lacan dedicou um dos seus seminários ao trabalho com o conceito de transferência (LACAN, 2010). Neste, resgata os apontamentos freudianos sobre o tema incluindo a dimensão da fala como central no processo transferencial. Segundo Lacan (2010, p. 221), “[...] parece-me impossível eliminar do fenômeno da transferência o fato de que ela se manifesta na relação com alguém a quem se fala”. Freud (2012), em seu texto “Sobre a psicologia do colegial”, aponta que a construção de conhecimentos realizada pelos alunos é produzida justamente pelo encontro com a pessoa do mestre, ou seja, mais do que os conteúdos a serem aprendidos é a personalidade dos professores que mobiliza e constrói laço com os estudantes. Ainda sobre a transferência estabelecida entre professor e aluno, Kupfer (1995, p. 100) destaca que “pela via da transferência o aluno passará por ele – pelo professor –, usá-lo-á, por assim dizer, saindo dali com um saber do qual tomou verdadeiramente posse e que, constituirá a base e o fundamento para futuros saberes e conhecimentos”.

Além da relação transferencial que se estabelece entre Brad e o diretor, podemos pensar que tal relação possibilita também a Brad estabelecer um laço de transferência com a própria educação. Nesse sentido, Camargo (2006, p. 104) menciona que “quando o sujeito encontra-se implicado em uma causa, possivelmente ali se posiciona por pressentir nesse lugar algum tipo de abertura que permite encontrar alguma coisa que diga respeito a singularidade desejante [...]”. Pensar a transferência para com a educação nos permite vislumbrar como o menino posiciona-se na sua relação com o ensino e a aprendizagem, o que marcará a construção de seu estilo de ser futuro professor. Kupfer (2000, p. 129) comenta que “o estilo será a marca de um sujeito em sua singular maneira de enfrentar a impossibilidade de ser”. Além disso, consideramos importante entender tal relação, pois o que o professor transmite ao aluno é justamente sua maneira de se relacionar com o objeto de conhecimento, sendo que a partir dessa transmissão, se ela não for tomada como a transmissão de uma Verdade, torna-se possível ao aluno construir seu próprio estilo. Portanto, a educação pode ser entendida como parte constituinte do sujeito, ou o seu sintoma, como abordaremos a seguir.

A narrativa passa a apresentar o percurso realizado pelo protagonista na construção de sua posição como docente. Quando lhe perguntam por que escolheu o magistério, algumas respostas da personagem giram em torno dos seguintes enunciados: “é tudo que eu sempre quis fazer, eu sinto que nasci para ensinar”, “o magistério é tudo que eu quero na vida”. Porém, Brad é confrontado constantemente com o olhar do outro: “você deve tentar outro ramo de trabalho”, “os alunos vão rir de você”, “eu não vejo como você possa dar aulas”, são alguns retornos que o protagonista recebe nas entrevistas realizadas em 23 escolas nas quais leva seu currículo e candidata-se como professor. O reconhecimento da síndrome que na infância foi responsável por retirar Brad do lugar de impossibilidade passa a ser visualizada como impotência para o exercício da docência. O protagonista oscila entre fazer em seu próprio e apresentar-se através da síndrome, em todas as tentativas recebe a negativa para ocupar o cargo de professor. Quando está prestes a desistir da sua busca e aceitar o emprego na construção civil, ofertado pelo pai, Brad recebe a visita de sua madrastra que realiza a seguinte pontuação após ouvir o discurso derrotista do enteado: “você tem o dom de ensinar e não é apesar de sua doença, é por causa dela”. A partir da fala da madrastra, que opera na vida de Brad como uma intervenção, o rapaz recusa diretamente o trabalho com o pai e retoma sua busca pela inserção na carreira docente. Finalmente, encontra uma escola na qual é acolhido e passa a exercer a docência como profissão.

Nessa passagem do filme, o que nos interessa destacar é esse “por causa dela” enunciado pela madrastra de Brad. Não é apesar da doença de Brad (seu sintoma) que a madrastra do rapaz pontua sua potência de ser professor, é justamente por causa dela. Tal como apontamos anteriormente na discussão acerca do diagnóstico, consideramos importante mencionarmos a diferença assumida pelo conceito de sintoma na psicanálise quando comparado com este conceito proposto pela medicina e em outras abordagens da psicologia. Quando ancorada no imaginário médico e psicológico, a noção de sintoma está vinculada fortemente a ideia de doença e de um mal a ser curado, extinto. Porém, como refere Pereira (2013), para a psicanálise esse conceito apresenta-se em uma dupla face: se por um lado anuncia o que não vai bem, o que faz sofrer, por outro dá a ver aquilo que o sujeito tem de mais real, aquilo com o qual está comprometido e que possui efeito estrutural. É justamente a dimensão do sintoma que possibilita a inscrição do sujeito no mundo de modo singular. Assim, o sujeito não abre mão de seu sintoma porque encontra nele não só o sofrimento, mas a tentativa de obter satisfação e também construir um lugar no mundo dos falantes. Tal compreensão aponta para um modo diferente de pensarmos a intervenção em torno do sintoma, pois ao invés de eliminá-lo a psicanálise visa “[...] ajudar o sujeito a encontrar novas formas de lidar com seu sintoma, com aquilo que o constitui” (MAIA, MEDEIROS e FONTES, 2012, p. 57).

Pensar a docência como sintoma é compreender a educação como modo de laço social, de dizer de si e constituir-se professor no exercício da docência. Stolzmann e Rickes (1999) contribuem para esse debate quando problematizam a profissão docente como produção sintomática. Segundo as autoras, “o mestre ensina porque é seu dever, porque transmitir é seu sintoma, é o que o funda como sujeito” (STOLZMANN e RICKES, 1999, p. 49). É esse sentido que o enunciado/intervenção “por causa dela” proferido pela madrastra de Brad assume, possibilitando ao rapaz reconciliar-se com seu desejo de ser professor e investir na sua realização.

Considerações finais

Neste ensaio nos ocupamos da reflexão acerca da escolha da docência como profissão. Para tanto, apoiamos-nos em uma história verídica, a vida de Brad Cohen, transformada em filme. Inicialmente, construímos uma breve revisão bibliográfica sobre o conceito de escolha na teoria psicanalítica e, posteriormente, realizamos uma leitura do filme utilizando, principalmente, os conceitos de transferência e de docência como sintoma para pensarmos a escolha da personagem pela docência como profissão.

Localizamos, na literatura, poucos trabalhos que dedicaram-se a pensar a escolha da docência a partir da perspectiva da psicanálise freudolacaniana. Os trabalhos encontrados apontam para a importância de pensarmos a eleição da profissão docente permeada pelo funcionamento inconsciente, mencionando que a perspectiva de uma escolha racional não é suficiente para pensarmos tal dinâmica. A escolha por uma profissão segue elementos identificatórios que o sujeito constrói ao longo de sua trajetória de vida e que podem ser resgatados ao pensarmos na eleição que o mesmo faz por uma atividade profissional.

Quanto ao filme, o percurso do protagonista nos permitiu o trabalho com dois conceitos psicanalíticos que consideramos centrais para respondermos as questões propostas neste ensaio. Primeiro, a escolha da docência como profissão é sustentada por uma relação transferencial estabelecida não só com professores que participaram da formação do aluno ao longo de sua jornada formativa, mas também com os laços que o mesmo vai estabelecendo com a ideia de educar. Ser professor, portanto, guarda um laço de filiação com os professores encontrados nos caminhos da vida e também com o modo como o processo educativo foi tecido nesse trajeto. Em segundo lugar, o conceito de docência como sintoma nos permite refletir que assumir a função de professor implica colocar algo de si em jogo no exercício da docência e encontrar algo de si no estilo de se colocar como docente.

Por fim, acreditamos que este ensaio pode ser compreendido como uma aproximação preliminar e uma inspiração para pensarmos a temática a partir da perspectiva psicanalítica. Consideramos que novos trabalhos que envolvam a escuta de discentes que ingressam nas licenciaturas acerca da sua escolha profissional podem auxiliar a ampliar tal debate e o próprio aporte teórico para sua leitura.

Referências

CAMARGO, A. C. S. **Educar: uma questão metodológica?: proposições psicanalíticas sobre o ensinar e o aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Coleção L&PM Pocket, 2005.

DUNKER, C. I. L.; RODRIGUES, A. L. Fazer cinema, fazer psicanálise. In: DUNKER, C. I. L.; RODRIGUES, A. L. **Coleção cinema e psicanálise – Volume 1: A criação do desejo**. São Paulo: nVersos, 2012, p. 13-32.

FAGÁ, M. V. N. C.; PASSOS, M. M.; ARRUDA, S. M. Tornar-se e manter-se professor: alguns aspectos subjetivos. **Anais do VI ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 2007. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/CR2/p195.pdf>. Acesso em 13 de março de 2016.

FERREIRA, D. B.; VILLANI, A. A sustentação da docência. **Anais do VI ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências** 2007. Disponível em: <http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/vienpec/CR2/p693.pdf>. Acesso em 13 de março de 2016.

Figueiredo, A. C.; TENÓRIO, F. O diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. 1, 29-43 mar 2002.

FREUD, S. Sobre a psicologia do colegial. In: _____. **Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HOUNIE, A.; PETRIBÚ, K. Síndrome de Tourette - revisão bibliográfica e relato de casos. **Rev Bras Psiquiatr**, 21 (1), 1999, p. 50-63.

KUPFER, M. C. M. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta, 2000.

KUPFER, M. C. M.. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 85-105, jan. 2000b. ISSN 1678-5177. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/108081>>. Acesso em: 17 mar.

KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação**. São Paulo: Scipione, 1995.

LACAN, J. **O seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MAIA, A. B.; MEDEIROS, C. P.; FONTES, F. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. **Estilos clín.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 44-61, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 fev. 2016.

PAIM, R. M. O. **A escolha profissional sob o olhar psicanalítico**. Disponível em: <http://www.iacat.com/Revista/recreate/recreate07/Seccion6/6.ESCOLHA%20PROFISSIONAL%20SOB%20UM%20OLHAR%20PSICANAL%C3%8DTICO.pdf>. Acesso em 10 de fevereiro de 2016.

PEREIRA, M. R. O professor-sintoma. **Correio da APOA**, Ano 1, n. 1, janeiro 2013.

RODULFO, R. **O brincar e o significante**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

SOARES, D. H. P.; AGUIAR, F.; GUIMARAES, B. F. O conceito de identificação no processo de escolha profissional. **Aletheia**, Canoas, n. 32, p. 134-146, ago. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 mar. 2016.

SPELLER, M. A. R. **Psicanálise e Educação: caminhos cruzáveis**. Brasília: Plano Editora, 2004.

STOLZMANN, M. M.; RICKES, S. M. Do dom de transmitir à transmissão de um dom. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, nº 16, 1999, p. 39-51

TORRES, M. L. C. O processo clínico de orientação profissional. **Rev. ABOP**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 29-37, 1998.

VOLTOLINI, R. A questão da vocação: psicanálise e psicologia. **Tese de Doutorado em Psicologia**. Universidade de São Paulo. 1999.

[1] O filme está disponível na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=B4kvrif-UvLU>. A ficha técnica, bem como a narrativa do filme, será apresentada neste trabalho na sessão dedicada especificamente à análise do filme.

[2] De modo geral, esta síndrome pode ser caracterizada a partir da "presença de múltiplos tiques motores e um ou mais tiques vocais em algum momento durante a doença, embora não necessariamente ao mesmo tempo (um tique e? um movimento ou vocalização súbita, rápida, recorrente, não rítmica e estereotipada)" (Hounie e Petribú?, 1999, p. 53).

[3] Em um texto acerca do diagnóstico de autismo e psicose infantil, Kupfer (2000b) nos apresenta uma interessante diferenciação entre os conceitos de responsabilidade e culpa. Responsabilidade está vinculada ao perguntar-se sobre a implicação do sujeito no seu sofrimento. Já a culpa implica julgamentos imaginários sobre aquilo que é certo ou errado, bom ou mal, adequado ou inadequado.